

Kiko Dinucci 'enfim' lança primeiro disco solo depois de 17 colaborações

cultura.estadao.com.br

Kiko Dinucci tinha 15 anos quando assistiu a Terra em Transe, de Glauber Rocha, no Museu da Imagem e do Som (o MIS). Não entendeu bulhufas e deixou o cinema tonto com a câmera do ícone do Cinema Novo. Tinha visto Deus e o Diabo na Terra do Sol, também de Glauber, e o resultado foi o mesmo. Ainda assim, o garoto deixava Guarulhos e, de ônibus, vinha a São Paulo para frequentar os cinemas paulistanos atizado pela ideia de compreender a sétima arte. Guri fã de punk rock, ainda distante do samba que viria a conhecer em seguida, Kiko descobria novas linguagens, saboreava cores, diálogos, longos silêncios e narrativas inventivas projetadas na tela grande.

Não é surpresa, 24 anos depois daquela sessão no MIS, a narrativa cinematográfica escancarada em Cortes Curtos, o primeiro disco solo do artista que já lançou 17 álbuns., que chega 7 de fevereiro. Dinucci, guitarrista dos mais inventivos de uma geração instigada pelo torto, pelo descompasso e pela transmutação que se espalha pelas ruas paulistanas (veja outros nomes ao lado), buscou no cinema a inspiração para interligar as 15 canções que compõem seu álbum.

Cortes Curtos era prometido há muito tempo: desde 2011. Para entender o motivo pelo qual o disco, tão citado por Dinucci em entrevistas, só agora foi concretizado, é preciso voltar àquele ano. Foi em 2011 que ele estreou dois projetos que mantém até hoje, Passo Torto (com Rodrigo Campos, Rômulo Fróes e Marcelo Cabral) e Metá Metá (com Thiago França e Jussara Marçal). São bandas com seus primeiros discos elogiados pela crítica, que geram

frutos até hoje - cada um deles tem três álbuns cheios lançados -, além de projetos derivados, desaguando no brilhante *A Mulher do Fim do Mundo*, de Elza Soares.

Com álbum atrás de álbum, turnê atrás de turnê, Dinucci foi testando as 40 canções criadas para *Cortes Curtos* em shows esporádicos na pequenina Casa de Francisca, em São Paulo. Chegou a 15 faixas e, em 2015, entrou no estúdio Red Bull Station, no centro da cidade, para gravar o disco. Em cinco dias, *Cortes Curtos* estava pronto - sendo dois deles usados para registrar as participações.

O título do trabalho já é uma dica direta à influência do cinema ao derivar de *Short Cuts - Cenas da Vida*, dirigido pelo norte-americano Robert Altman, de 1993. O longa apresenta histórias distintas, baseadas nos contos do escritor Raymond Clevie Carver Jr., que retratam diferentes aspectos da Los Angeles naquela virada dos anos 1980 para 1990.

Em 2011, Dinucci mergulhava por discos do protopunk, de músicos como Iggy Pop, Lou Reed, New York Dolls, David Bowie, cujo cenário era uma Nova York barulhenta, de ratos nas ruas, com heroína nas veias e ruídos de guitarra brotando de inferninhos esquisitos. *Transformer*, o segundo disco de Reed após o *Velvet Underground*, de 1972 e produzido por Bowie e Mick Ronson, era a obsessão de Dinucci na ocasião. O disco trazia um retrato da Manhattan da época em canções como *Walk on the Wild Side*, *Perfect Day* e *New York Telephone Conversation*. “Pensei em fazer uma espécie de *Transformer* paulistano”, conta Dinucci. “Não como uma referência musical direta, mas sobre estética, conceitualmente.”

Com letras curtas, “como haicais”, como Dinucci gosta de brincar, o álbum constrói essa São Paulo numa intersecção clara entre a versão paulistana de Carver Jr. e a narrativa de Reed. A história contada no disco, ao longo das 15 faixas, é contínua, sem quebras, como se fosse projetada na tela de cinema. A guitarra de Dinucci grita mais alto do que as vozes, dele ou das convidadas, Juçara Marçal, Tulipa Ruiz e Ná Ozzetti. O alto volume do

instrumento de Dinucci era uma vontade do artista que, mesmo nascido musicalmente em berço punk, sempre se incomodou com a ausência de força da guitarra nos discos gravados no Brasil desde os álbuns de punk e rock dos anos 1980. “É uma herança da Passeata Contra a Guitarra Elétrica”, ele analisa, referindo-se à marcha realizada em julho de 1967, em São Paulo, com apoio de Elis Regina e Jair Rodrigues.

Cortes Curtos instiga uma reflexão sobre a São Paulo cinza, caótica, perturbadora e contemporânea. Uma canção como A Morena do Facebook, a nona do álbum, pode ser uma versão cibernética e pessimista de Perfect Day, de Reed. O disco é punk, como diz ele, mas não em seu estado puro. Cortes Curtos só existe após Dinucci se aventurar pelo samba, pela cultura afro e pelos outros 17 discos que vieram antes dele. “É como se eu encontrasse aquele Kiko de 14 anos e dissesse: ‘Ficar só ouvindo essas bandinhas punk não vai ser suficiente, não dá para passar a vida tocando hardcore’”, ele diz. Até para explicar seu punk-samba torto, Dinucci recorre à linguagem cinematográfica - essa cena daria um belo filme.



Informação com clareza, equilíbrio e qualidade.
Apoie o jornalismo independente do **Nexo**.

Você ainda tem mais 4 conteúdos livres este mês.

SAIBA MAIS

<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>

ASSINE O NEXO

[./assine/](#)

LOGIN

[./conta/login](#)



FOTO: DIVULGAÇÃO



📷 EM 2019, KIKO DINUCCI QUER LANÇAR ÁLBUM SOLO COM INSPIRAÇÃO DE BADEN POWELL

Durante o ano de 2018, o músico e produtor paulistano Kiko Dinucci viajou muito a Penedo, localidade próxima à via Dutra, logo que a estrada sai do estado de São Paulo e entra no Rio de Janeiro. O motivo era muito importante. É lá que Jards Macalé, o “maldito” da música brasileira, conhecido pela autoria do clássico “Vapor Barato”, costuma passar longos períodos junto da família.

Dinucci passou meses trabalhando com Jards, ao lado dos músicos Thomas Hares e Rômulo Fróes. Inicialmente, tentando reacender a chama compositora do veterano e depois construindo as canções que iriam integrar “Besta Fera”, primeiro álbum de música inédita de Jards em 20 anos. Uma primeira música saiu em janeiro de 2019, “Trevas”. Nela, um sombrio Jards canta “Chegamos ao limite da água mais funda/Levanto o olhar pro céu”.

O novo trabalho vem se juntar a uma extensa discografia de projetos autorais e produções para outros artistas que colocou Kiko Dinucci como figura central nos territórios mais inquietos e experimentais da música brasileira atual.

Informação com clareza, equilíbrio e qualidade.
Apoie o jornalismo independente do **Nexo**.

Você ainda tem mais 4 conteúdos livres este mês.

SAIBA MAIS

<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>

ASSINE O NEXO

[\(/assine/\)](#)

LOGIN

[\(/conta/login\)](#)



Faustao

Kiko Dinucci

Músico e produtor

A atuação de Kiko Dinucci se caracteriza por ser intensamente colaborativa (“não consigo muito trabalhar sozinho”) e prolífica. Para o ano de 2019, ele tem alinhada uma lista de projetos, incluindo produção para um novo disco solo de Juçara Marçal, para o rapper Ogi e, possivelmente, um novo do Metá Metá. E mais: “Quero gravar um disco de violão, com samba tipo Baden Powell”, declarou ao Nexo. “Para ir contra a percepção de que o Kiko é o cara que faz barulho na guitarra’.

O músico conversou com o **Nexo** sobre sua obra, o caráter paulistano que ela persegue e as possibilidades que a arte tem de ser política.

Como aconteceu o disco com o Jards Macalé?

KIKO DINUCCI O Jards teve contato com o Metá Metá porque a gente participou de uma coletânea em homenagem a ele e fizemos uma versão doidona do “Let’s Play That” (música de 1972). Depois disso, ele chamou o Metá Metá para tocar em um show dele, uns cinco anos atrás, e a gente começou a virar amigo. Depois, fizemos uns quatro shows juntos. Começamos a falar de fazer um disco novo. O Thomas Hares, que é um dos produtores do disco, já tocava com o Jards. Os dois têm muita sincronicidade. Começamos ali a vislumbrar isso, um disco com inéditas. E o Jards alimentou isso. Chamamos Thomas e o Rômulo [Fróes]. Começamos a exercitar composição com ele, para ele voltar a compor, pois ficou muito tempo relendo. Para mim, ele é o grande discípulo do João Gilberto, aquele cara que fala “vou tocar ‘Aquarela do Brasil’” e daí transforma numa música dele, com a linguagem dele, se apropria. Ele fez muito isso e acabou deixando a composição própria um pouco de lado. Ficamos atormentando ele, trazendo letra, sugerindo melodia, harmonias. Foi um disco metade pesquisa de coisas antigas inéditas, metade parcerias novas, comigo, Ava Rocha, Rômulo.

‘Trevas’ é um comentário sobre o Brasil atual? O álbum de Jards Macalé segue nessa linha?

KIKO DINUCCI O disco inteiro dialoga com esse tempo que a gente está vivendo agora, mais reacionário, com fanatismo religioso, extrema direita, preconceito, essa coisa autodestrutiva que o Brasil assumiu. O Brasil tá se matando e esse disco cai como uma luva. De certa maneira já estávamos sentindo isso, independentemente do resultado da eleição. A impressão que dá é que vamos ter de atravessar esse mar de lama que a gente mesmo inventou e não vai dar para olhar para trás. Quem sobreviver, sobreviveu. Desde 2012 estou com esse clima de tensão na minha obra, do disco “MetaL MetaL”, do Metá Metá, “Passo Elétrico”, do Passo Torto, “Encarnado”, da Juçara Marçal, a “Mulher do Fim do Mundo”, da Elza Soares. Todos eles têm uma coisa meio

espinhosa, você sente uma panela de pressão prestes a explodir. Agora já explodiu, já voou tudo, é pegar os cacos. Com o Jards também, ele tinha muita coisa entalada na garganta, não está feliz com o Brasil atual. Está angustiado. fica doente. passa mal. O disco chama “Besta Fera”. que node ser ele. a besta-fera maldita da

Informação com clareza, equilíbrio e qualidade.
Apoie o jornalismo independente do **Nexo**.

Você ainda tem mais 4 conteúdos livres este mês.

SAIBA MAIS

<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>

ASSINE O NEXO

[./assine/](#)

LOGIN

[./conta/login](#)



... muito pessoal. Não consigo desvincular isso da minha música, apesar de que o que faço não é direto, panfletário, trabalho mais com a poesia. Mas quem me conhece sabe das minhas posições.

FOTO: DIVULGAÇÃO



📷 CAPA DO ÁLBUM 'BESTA FERA', DE JARDS MACALÉ

Informação com clareza, equilíbrio e qualidade.
Apoie o jornalismo independente do **Nexo**.

Você ainda tem mais 4 conteúdos livres este mês.

SAIBA MAIS

<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>

ASSINE O NEXO

[\(/assine/\)](/assine/)

LOGIN

[\(/conta/login\)](/conta/login)



pelo mainstream porque sou desajeitado, sou jacu de Guarulhos, me sentiria um idiota se eu fosse tocar “Cortes Curtos” no Faustão, ele gritando em cima. Talvez seja um bloqueio meu, pessoal, é psicológico, não sou capaz. Também não teria medo se conseguisse estourar e manter a integridade, tem muitos exemplos bons disso.

A cena musical brasileira alternativa é sustentável?

KIKO DINUCCI É sustentável, mas com algumas deficiências. Quando falo que vivo de arte, não é só música. Faço trabalho gráfico, capa do disco de uma pessoa, trilha para teatro, cinema. Vivo do conjunto de artes que eu faço. Muita coisa mudou no meio alternativo com a internet, o Metá Metá é uma banda que se espalhou pelo Brasil com ela. A ponto de a gente chegar em Belém para tocar e ter mil pessoas para assistir o show, cantando todas as músicas. Mas sinto que só internet não sustenta, tem de sair e desbravar os lugares. Nessa fase do Brasil, os artistas vão ter de ser mais criativos, não dá para ficar só na internet. É a hora da distopia mesmo, de cair para o mundo real, pegar um carrinho, botar o som dentro e ir tocar. “Vamos fazer um show em Mogi? Vamos!” E criar novos espaços, não depender só de casa noturna, pode ser biblioteca, centro cultural, não precisa ser cerveja e madrugada só, pode ser tocar à luz do dia, com criança. Lembro de me vangloriar de não precisar de rádio e de TV. O Bolsonaro também não dependeu, ele também foi pela internet. A mesma internet que nos ajudou, ajudou a extrema direita e de um jeito muito mais eficaz. Acho que agora a hora é de tirar as pessoas do WhatsApp, tocar nas periferias, pelo Brasil. Metá Metá já fez 11 turnês pela Europa, mas ano passado foi a primeira vez que conseguimos pegar uma sequência de shows no Nordeste. Sinto que o movimento é esse, focar no Brasil.

Você tem influência de muitos movimentos musicais de São Paulo, da vanguarda paulista ao samba de Paulo Vanzolini. Você se sente parte de uma identidade musical paulistana?

KIKO DINUCCI Eu persegui muito isso. Engraçado, quando tocava em banda punk os caras imitavam som californiano, daí não sentia identidade com nada. Depois comecei a me interessar pelo samba e fui atrás dos sambistas clássicos que todo mundo conhece. Quando cheguei no Paulo Vanzolini e no Adoniran Barbosa eu senti o cheiro de São Paulo muito forte. Pensei “opa, tem coisa aqui”. Não adiantava imitar o Nelson Cavaquinho, Cartola, não sou carioca, não sou malandro do chapeuzinho panamá e sapato branco. Então comecei a reparar que o Vanzolini e o Adoniran tinham uma espécie de um defeito, era uma coisa meio torta, parecia uma tentativa de samba. Depois fui descobrindo um samba de São Paulo mais negro, Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde, que já eram autoridades do samba, com uma identidade africana, mas também uma coisa caipira, paulista. Comecei a perceber essa identidade em tudo que era paulista com que eu tinha contato: Mutantes, que era Beatles com sotaque da Pompeia, o Itamar [Assumpção], o Premeditando o Breque. Comecei a sacar que tinha uma linguagem, escondida, e que ainda não está bem revelada.

Consegue definir em palavras o que seria essa ‘paulistanice’?

KIKO DINUCCI Essa paulistanice encaro como um pombo, está na cidade, está sujo, vive de um jeito precário, mas sobrevive. no meio da sujeira, do cinza, da fuligem. O pombo não virou outra coisa, continua sendo uma ave. Já tentei pegar algumas coisas que esses artistas têm em comum. Uso muito essa palavra defeito. parece

Informação com clareza, equilíbrio e qualidade.
Apoie o jornalismo independente do **Nexo**.

Você ainda tem mais 4 conteúdos livres este mês.

SAIBA MAIS

<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>

ASSINE O NEXO

[./assine/](/assine/)

LOGIN

[./conta/login](/conta/login)



Metá Metá põe mais peso no som em novo disco

cultura.estadao.com.br

Novembro 24º, 2012



Roqueiros, tremem. Tua falta de imaginação e teus vícios já deram o que tinham que dar. Agora vocês vão sentir o peso do *MetaL MetaL*. Esse é o nome do novo e segundo disco do Metá Metá - banda paulistana que estreou em 2011 e agora reaparece com aquela dose dupla de veneno que, dizem seus integrantes, tanto faz falta ao rock de hoje.

“*MetaL MetaL* era uma brincadeira que fazíamos quando o show do primeiro disco começava a ficar mais agressivo. Com a necessidade de gravar um disco inteiro tocado de um modo mais pesado, assumimos o nome, que carrega uma ironia sobre o que é tocar rock hoje em dia. O rock se desgastou muito, se fechou em regras, ficou careta, reacionário. Debates o rock como jeito de tocar, atitude, isso vai além de apenas um gênero”, explica Kiko Dinucci, guitarrista, violonista e compositor de seis das nove faixas do trabalho, três delas em parceria com Douglas Germano.

“*MetaL MetaL* tem uma sonoridade que não deixa nada a dever a qualquer som de rock que eu conheço e, além disso, tem uma atitude de experimentar, de buscar a liberdade expressiva, de deixar o groove se impor e sentir o corpo entrar no transe. Há algo mais rock que isso?”, completa a cantora Juçara Marçal.

Está dado o recado: não estamos no território do ritmo quatro por quatro ou do esquema guitarra-baixo-e-bateria cada um no seu lugar marcado. Boa parte do repertório vem de cantos de louvação aos orixás (de domínio popular ou compostos por Dinucci), a polirritmia africana é uma das

inspirações, o sax faz parte da cozinha e a guitarra pode tanto batucar quanto distorcer até soar como zumbido de mau contato. E a voz é um capítulo à parte.

Newsletter Cultura

Receba no seu e-mail conteúdo de qualidade

Juçara Marçal tem algo mais ali e não é só a técnica. Se no primeiro disco do Metá Metá - e outros trabalhos anteriores - chamava atenção o dom de intercalar momentos de afinação e suavidade com uma emoção de arrepiar, agora ela também explode em berros com uma autoridade e tanto. “Os meninos brincavam que iam fazer um disco inteiro só pra eu gritar. Está aí, *MetaL MetaL*. É muito prazeroso exercitar esse jeito mais livre de cantar. É arriscado também. Mas eu gosto de correr riscos”, confessa.

Mais novidades surgiram de um disco para o outro. O primeiro dispensava o baixo e era baseado na trinca voz, violão e sax - bateria (Sérgio Machado) e percussão (Samba Sam) somavam-se em quatro das dez faixas. Agora, o sexteto está formado com os dois ritmistas e também o baixista Marcelo Cabral, que contribui um bocado para o peso do som. “Além disso, ele cria linhas que definem bastante o groove, deixando Kiko e eu mais livres”, explica o saxofonista Thiago França, que também acrescenta barulho, mas mais influenciado pela referência do free jazz. “Trabalho muito o lance estético de texturas e dinâmicas, às vezes até ignorando o tom em busca de algo puramente rítmico. O free jazz abriu minha cabeça pra essas possibilidades.”

Outra diferença está nas seis cordas, antes somente acústicas e agora principalmente elétricas - o que remete à história pregressa do músico, quando ele integrava bandas de punk rock. “A guitarra ainda está em um estágio de experimentação, procurando uma identidade que o violão já

conseguiu. Apesar das limitações técnicas, ela vem ganhando um estilo próprio, punk polifônico, ‘afro noise’. É isso que estou buscando”, explica Kiko Dinucci.



A inspiração vaza nas faixas *Oya* e *Man Feri Man*. A primeira apresenta uma estrutura que é a especialidade do Metá Metá: sax, guitarra e baixo entrelaçam frases na introdução, enquanto o vocal se sobressai ao arranjo tal qual um grito de guerra.

Na segunda parte, aparece o “heavy metá” - uma combinação de fritaço jazzística com golpes de hardcore e versos inspirados na cultura do candomblé. *Man Feri Man*, de domínio popular, estende a letra de três frases em iorubá por um transe de mais de sete minutos levado por um riff de guitarra que fica no meio do caminho entre o pós-rock e a música africana. “Eu me inspirei no Mali: Ali Farka Touré, Tinariwen. Lógico que não consegui, daí saiu outra coisa”, decifra o guitarrista.

A música, uma cantiga para Oxum, registra Juçara Marçal no melhor de sua interpretação. “Nessas cantigas de santo, há sempre uma força tal, um jeito de se desenrolar, que parece trazer junto a simbologia, o jeito de ser do orixá que está sendo louvado ali. Há um vínculo tão grande entre a cantiga, a letra, os passos de dança, os gestos, o toque do tambor que faz com que, mesmo quem não conheça o idioma, seja mobilizado por essa força”, diz ela.



Já *Tristeza Não* (Itamar Assumpção e Alice Ruiz) é a única do disco que retoma o formato de trio, a única acústica, a única que não é de autoria de Kiko nem domínio popular. A ausência de bateria e eletricidade poderia causar a falsa impressão de que é, também, a menos rock do disco. Juçara discorda. E corrige: “É a mais metal de todas! Aquele riff de violão é para sair batendo cabeça. O Ita é um verdadeiro orixá urbano pra nós”.
Roqueiros, tremem: tua concepção de rock levou um coice.

Músicos da nova cena paulistana têm de atuar como empresários da canção

www1.folha.uol.com.br

Fevereiro 5º, 2017

RESUMO A partir de livro que surgiu como dissertação de mestrado, o texto destrincha os traços da atual cena musical paulistana. Marcada pelo crepúsculo das grandes gravadoras e pela interação com o público via internet, a nova geração responde não só pelo campo criativo de sua carreira como também pelo logístico.



A partir da esq., Rodrigo Campos, Kiko Dinucci, Marcelo Cabral e Romulo Fróes, integrantes do Passo Torto

Foto de: Everton Ballardin/Divulgação

A quantas anda a música brasileira depois que a grande indústria fonográfica perdeu a prerrogativa de orientar, direta ou indiretamente, as formas de produção e difusão, sobretudo de música gravada?

Thiago Galletta explora uma das faces desse grande tema, trazendo para o foco o circuito independente em "Cena Musical Paulistana dos Anos 2010" [Annablume, 298 págs., R\$ 69], livro concebido como dissertação de mestrado em sociologia.

O substrato que lhe serve de âncora é justamente o crescimento da referida cena, ratificado pelo aumento da oferta de música gravada, pela ampliação das apresentações ao vivo de um grupo cada vez mais diversificado de artistas e pela intensificação do fluxo de informação sobre música em meios variados, sobretudo na internet.

O exame detalhado desses elementos em várias perspectivas resultou em análise substanciosa e instigante sobre o contexto musical brasileiro que surge a partir da incorporação das tecnologias digitais. O terreno explorado é intrincado e movediço. Para enfrentá-lo, além de fontes bibliográficas e de imprensa, Galletta mobiliza repertório de entrevistas com músicos, produtores e jornalistas e conhecimentos adquiridos em sua atuação como radialista, produtor e DJ. Os excertos de entrevistas trazem precioso subsídio ao estudo.

Abre o caminho para a análise uma oportuna retrospectiva dos sistemas que aproximaram a música da internet, no intervalo de 1995 a 2015. Busca-se compreender a maneira como o desenvolvimento de tais aparatos foi influenciando e alterando a dinâmica do trabalho dos músicos, as formas de recepção do material musical e de interação entre artistas e público -cada vez mais direta, sem os intermediários tradicionais (rádio, TV, "jabá"), mas com a mediação decisiva das redes sociais.

A partir de fonogramas gravados em estúdios caseiros e dos programas de compartilhamento digital de arquivos musicais, os artistas passaram não apenas a divulgar amplamente seus trabalhos mas também a incrementar uma rede de trocas de experiências e de criação musical via internet. A cena

paulistana de que trata o estudo exemplifica o movimento, bem como essa forma colaborativa de produção apoiada em rede de afinidades musicais e pessoais.

Nela estaria também desenhada a atual ideia de independência no que diz respeito à dimensão fonográfica, à promoção de shows e à busca de financiamento (via editais de fomento e outros programas afins). Hoje, o termo "artista independente" surge quase esvaziado de seu teor histórico e relacional. Enquanto os "indies" dos anos 1980, por exemplo, batiam-se contra a lógica estabelecida (a das grandes gravadoras) -fosse por recusar seus procedimentos, fosse por querer na verdade integrá-la-, os de agora não têm um modelo hegemônico a lhes servir de antagonista.

Pouquíssimos artistas dessa geração buscam ou estabelecem formas de cooperação com as grandes gravadoras, que, por sua vez, abdicaram da tarefa de revelar promessas. Todos são independentes, e essa qualidade apontaria para um tipo de gênero cultural que confere identidade e prestígio.

Precioso para essa configuração é o cultivo, por todo artista, de um público interessado em novidades musicais que foi expandindo e afinando suas referências e gostos pela prática constante da pesquisa e do compartilhamento no meio digital. A interação direta artista-público forneceria, portanto, o combustível essencial ao sistema, que busca sua eficácia em nichos ou em segmentos específicos da música e do mercado.

TRANSBORDAMENTO

Dessas relações surge um outro termômetro de sucesso: o êxito passa a ser aferido não apenas a partir do número de downloads ou da presença em shows mas também em volume de curtidas, compartilhamentos e resenhas publicadas em blogs especializados em música.

A lista de artistas representativos da cena citados no livro é ampla e heterogênea. Para além daqueles que, em suas trajetórias, ajudaram a cunhar esses procedimentos, nela figuram nomes frequentemente referidos na grande imprensa, que se posicionariam ocasionalmente na fronteira com o mainstream, como Marcelo Jeneci, Emicida, Criolo e Tulipa Ruiz.

São músicos que aliam a produção independente a projetos de grandes empresas ou a parcerias com artistas constituídos no âmbito das grandes gravadoras. Esse transbordamento da cena independente revelaria a sua potência -e o indicador externo constitui dado precioso para a análise.

Vale lembrar que, sobretudo a partir dos anos 1980, tem sido possível observar regularmente a existência de espaço destinado às produções independentes nos cadernos de cultura dos grandes jornais brasileiros. Grupos expressivos da atual geração, como Metá Metá, Passo Torto e Cidadão Instigado, não só têm recebido atenção desses veículos, como têm surgido com frequência em rankings de melhores discos do ano.

Apesar das diferenças apontadas acima, é possível falar em identidade artística ou unidade estética quando se trata de definir essa geração? Seria essa, de fato, a tantas vezes anunciada "nova MPB"? Rock, MPB, samba, brega, afrobeat, bossa nova, ritmos regionais -desse caldo não emergiria um gênero musical específico?

Por mais que o diálogo com a MPB constitua a fonte comum -como referência, e não como reverência, segundo um dos entrevistados-, a alcunha "nova MPB" partiria de um referencial, de uma tradição da qual alguns nomes fazem questão de se descolar.

A solução tem sido a de adotar a definição ampla de música brasileira, que contempla vários estilos, mas que busca designar um lugar nos desdobramentos contemporâneos da música popular brasileira. O autor não mede esforços para nos mostrar o caráter de novidade do movimento que analisa. Esquadrinha discussões, aponta

limites e dificuldades, mas o que seu empreendimento de fato visa é revelar a força, o ineditismo e os ganhos conquistados pela cena da música independente.

Efetivamente, o mundo da produção musical sofreu transformações surpreendentes e espetaculares nos últimos 20 anos, a partir da interação com as tecnologias digitais. O modo de produção de música gravada que orientou grandes corporações durante boa parte do século 20 caducou; o poderio daquelas sofreu fortes (e sucessivos) baques. O ritmo e a intensidade das mudanças dificultaram sua compreensão.

Além de contribuir para o entendimento desse novo cenário a partir de material original cuidadosamente compilado, o livro provoca a reflexão sobre permanências. A primeira, também referida por Rita Morelli na apresentação, diz respeito à manutenção da histórica centralidade de São Paulo, a cidade moderna que capitaliza talentos, recursos e condições estruturais para a gestação de movimentos musicais e culturais, como a nova cena independente paulistana. Tem sido assim "desde 1922!" [ano da célebre Semana de Arte Moderna], dizia Elis Regina a respeito do assunto, em entrevista citada.

O exame dessa centralidade busca decantar os elementos necessários ao estímulo e à promoção cultural que a cidade oferece. No entanto, o fato de que essa imensa ilha chamada São Paulo continue mantendo e atraindo para seus encantos talentos nativos e também os brotados em outras regiões mostra como se perpetua a profunda desigualdade existente no país, apesar da expansão verificada em várias cenas regionais. A experiência (tratada no livro) do Circuito Fora do Eixo ilustra a complexidade e os limites de iniciativas voltadas a romper esse cerco.

Mas nada parece ser tão emblemático das contradições existentes entre novidades e permanências do que a emergência da figura denominada por Galletta de "criador-empendedor". A questão continua sendo a elementar:

como sobreviver e viver sendo um músico independente? Como aproveitar as facilidades trazidas pelo novo "modus operandi" da produção musical para conseguir pagar as próprias contas?

O artista passa a gerir todos os aspectos da sua vida profissional, mesmo se contar com o trabalho de um produtor. Além das atividades artísticas propriamente ditas, precisa se dedicar à elaboração de projetos, contratação de shows, busca de financiamento e de oportunidades, conhecimento da operação das novas plataformas de difusão musical, atualização diária das páginas nas redes sociais e de e-mails -e, na maioria dos casos, dedicar-se a um outro emprego.

A inclusão no mercado do segmento que até então esteve nas bordas vem com cara de fim da divisão do trabalho, mas não coincide com o fim da instabilidade e do precário em termos de produção cultural. Essa autogestão, porém -desde os primeiros independentes, incluindo o hip-hop e o rap das periferias, até o atual movimento que alia música e questões de gênero-, pode resultar na autonomia de criação; é dela que emana a energia que, em ritmos e com resultados estéticos variados, tem feito a roda girar.

MARCIA TOSTA DIAS, 53, é professora do departamento de ciências sociais da Universidade Federal de São Paulo.

'Amplificador: Novíssima Música Brasileira - The Brazilian 10's Generation'

blogs.oglobo.globo.com

Setembro 6º, 2016

Desabafo

Thiago França, do Metá Metá: 'o mainstream não serve pra gente, e a recíproca é igualmente verdadeira'

Por Lucas Oliveira



Quem acompanha o trabalho do Metá Metá sabe que o trio paulista é um dos grupos mais intrigantes e talentosos disto que gostamos de chamar de novíssima música brasileira. Em um post brilhante, escrito após assistir ao show do Clube da Encruza (junção de Metá Metá, Passo Torto e os projetos

solos de seus respectivos integrantes) no ano passado, o Mateus, aqui do Amplificador, cravou: "já é possível dizer que os sete (*Kiko Dinucci, Marcelo Cabral, Rodrigo Campos, Juçara Marçal, Romulo Fróes, Thiago França e Sergio Machado*) fazem parte do movimento brasileiro mais relevante desde o Manguebeat. Se faltava um nome, não falta mais: o Clube da Encruza é o que há de lindo na música nacional dos anos 2010".

Por isso, diversos fãs em mesas de bares volta e meia questionam: afinal, se essa turma está fazendo trabalhos tão importantes para a música nacional, por que não conseguem chegar ao grande público? Ou, usando o jargão apropriado, por que não alcançam o famigerado mainstream?

Bom, se eu já participei de discussões desse tipo umas três vezes só neste ano, imagino o quanto Kiko Dinucci, Thiago França e Juçara Marçal — que lançaram, no mês passado, "MM3", terceiro disco de estúdio do Metá Metá (baixe aqui) — já tiveram que gastar de saliva para falar sobre o assunto. E, nesta quinta-feira, França resolver gastar os dedos também — aqueles mesmos que brilhantemente o permitem desafiar os limites de seu saxofone.

O músico publicou, em seu Facebook, um texto em tom de desabafo sobre o assunto. Curto e direto:

O mainstream não serve pra gente, não serve pra mim, e a recíproca é igualmente verdadeira: nós não servimos pra ele, eu também não sirvo.

Há três anos, o Metá Metá estava concorrendo em três categorias no Prêmio Multishow, entre elas, melhor disco (Metal Metal), com Caetano Veloso e Guilherme Arantes. Ganhou Guilherme Arantes, a gente ganhou "melhor música compartilhada". na mesma intensidade que o público vibrava com cada aparição da Ivete Sangalo, Anita e Naldo, vaiava quando ouvia "Metá Metá", esse sei-lá-o-quê que ninguém ali conhecia, que ofendia o público com sua falta de fama, um

verdadeiro hiato na programação. vaiaram mesmo, não é modo de dizer, vaiaram mesmo, "uuuuu.." porque a gente cometeu esse crime, de não ter sido empurrado goela abaixo por nenhuma rádio, nenhuma TV.

Há 20 anos atrás eu era um garotinho estudando música e ganhei de presente um CD do Sujeito à Guincho, um grupo de clarinetes, do qual faz parte o Luca Rael. hoje eu estou aqui na YB gravando um arranjo meu pruma música do Romulo na companhia dos meus amigos, aqueles de sempre, e o Luca vai gravar o clarone.

Não sintam minha falta no mainstream, não sintam a nossa falta. Não se perguntem porque não somos o "disco da semana", do dia, do minuto, em nenhum lugar. não achem que somos injustiçados por não estarmos onde não devemos, onde não queremos.

Meu tempo é outro.

LANÇAMENTO NO CIRCO VOADOR

Nosso tempo é outro e, apesar de não tocar no Faustão, o Metá Metá consegue fazer seu trabalho chegar ao público ávido por novidades da música nacional. E é um número significativo, a ponto do trio fazer, nesta sexta-feira, um dia nobre, o show de lançamento do "MM3" no Circo Voador, mais tradicional palco da cidade (saiba mais aqui).

Os ingressos, que custam R\$ 40, estão à venda no site do Ingresso Rápido e na bilheteria do Circo Voador. Pode chegar com a certeza de que não vai se arrepender.

SERVIÇO

METÁ METÁ - Lançamento MM3

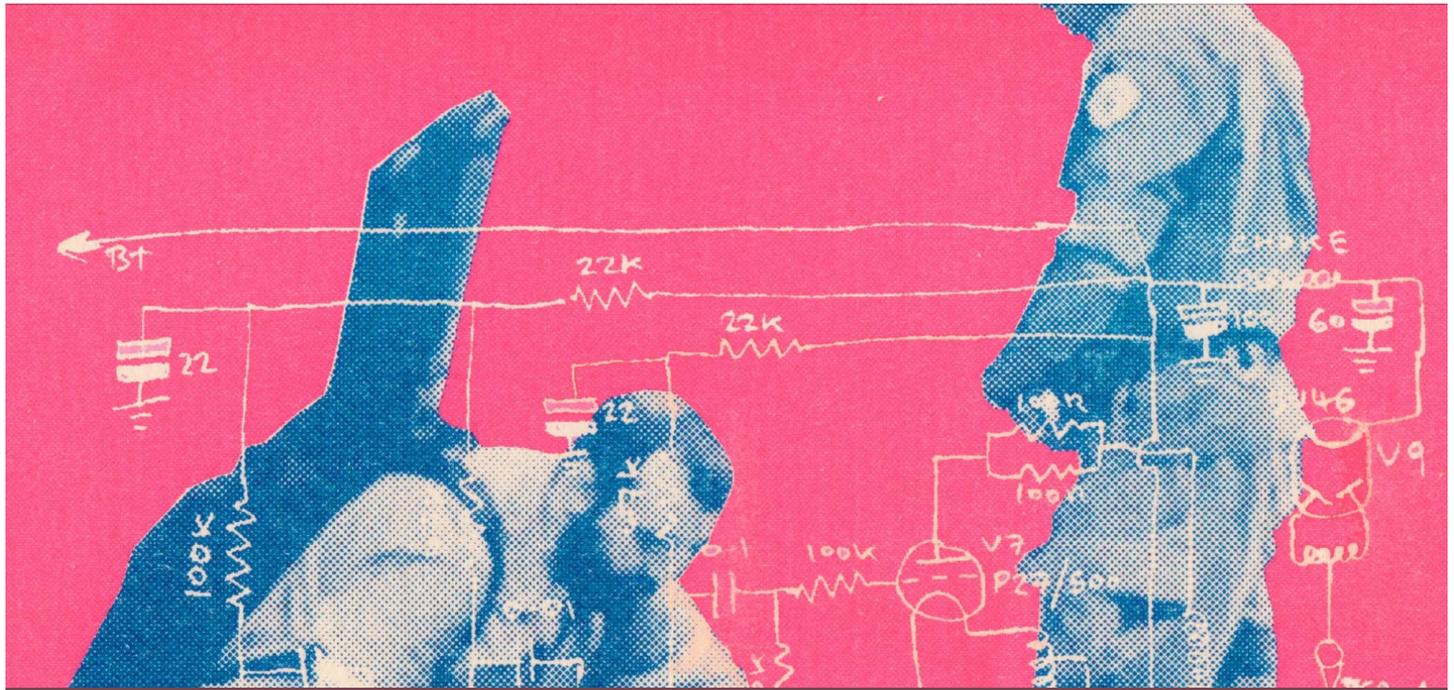
Pista: Caçapa

Data: Sexta, dia 10 de junho de 2016.

Abertura da casa: 22h.

Ingressos: R\$ 40 (meia-entrada para estudantes, menores de 21 anos e maiores de 60 anos/ingresso solidário válido também com 1 kg de alimento).

Classificação: 18 anos.



PREMIERES

Ouça 'Chorei', música inédita do disco novo do Kiko Dinucci

Entre o samba e o punk, Kiko lança 'Cortes Curtos', seu primeiro disco solo, e você ouve uma das faixas em primeira mão no Noisey.

Por **Débora Lopes** | fev 6 2017, 10:00am

Compartilhe

Tuíte

Arte: Kiko Dinucci

Na próxima terça (7), Kiko Dinucci lança seu primeiro disco solo, *Cortes Curtos*. As 15 faixas trazem guitarras tortas e matemáticas embalando letras que falam sobre morte, nascimento, Facebook e, claro (é o Kiko, porra), as nuances mais malucas da cidade de São Paulo. Antes do lançamento, o **Noisey** libera uma faixa exclusiva: "Chorei", composição de Beto Villares que traz a participação da cantora Juçara Marçal.

"Foi constrangedor porque um monte de gente que foi ver meu show acabou assistindo o meu enquadro", conta.

Produzido pelo próprio Kiko, que canta e toca guitarra, *Cortes Curtos* traz Marcelo Cabral no baixo, Sérgio Machado na bateria e foi gravado por Rodrigo "Funai" Costa no Red Bull Studios, em São Paulo, durante cinco dias no segundo semestre de 2015. "No mesmo esquema que gravo os discos do **Metá Metá** e **Passo Torto**: tudo muito rápido e objetivo."



Kiko e sua banda. Foto: Felipe Gabriel/Red Bull Content Pool

Como em boa parte dos projetos de Kiko, as letras trazem crônicas às vezes trágicas (em "Vazio da Morte", o personagem cogita subir até o topo do prédio do Banespa para se matar), às vezes irônicas e cínicas, como em "A Morena do Facebook ("Lá vem ela, a morena do Facebook / Ela é mais bonita que a foto do perfil"). "Eu pensei em escrever tudo como samba e depois botar uma roupagem punk", justifica.

Filho do metal, do hardcore, do punk e do samba, o músico reflete essas referências em seu mais recente trabalho, que chega encorpado e agressivo.

Todas as músicas são criações de Kiko e sua banda. Exceto "Chorei". Ele se lembra de quando viu Beto tocando-a pela primeira vez. "Fiquei de cara. Tinha tudo a ver com o *Cortes Curtos*, era um samba estranho. Parecia o próprio parto, cheio de dor e de gritos".

PUBLICIDADE

Se você ainda não deu o play, faça isso agora no player abaixo e leia na sequência os melhores trechos da entrevista com o Kiko Dinucci falando sobre *Cortes Curtos*.

Kiko Dinucci - Chorei (Beto Villares)



descaradamente o nome do filme do Robert Altman, *Short Cuts*. Não é nem de longe dos meus filmes preferidos, mas o nome me caiu como uma luva.

Por que você levou tanto tempo para lançar o seu primeiro disco solo?

O *Cortes Curtos* é um disco solo na visão do mercado, mas eu compus e depois levantei as coisas com o Marcelo Cabral (baixo) e o Sergio Machado (bateria). Então, não estou tão solo assim.

Essas músicas existem desde quando? Como e em quais situações elas foram compostas?

As canções começaram a nascer em 2011. "Uma Hora da Manhã" foi inspirada em uma cena que vi num supermercado: um cara desrespeitando uma mulher por ela ser nordestina e essa mulher rebatendo a agressão sendo homofóbica. Na mesma semana, rolou uma passeata na Avenida Paulista de um bando de skinheads desgraçados levantando faixas de apoio ao Bolsonaro. Então eu fui criando as canções nessa São Paulo horrorosa, racista, reacionária, opressora, que faz as pessoas adoecerem e se deprimirem.

Quais são ou quais foram suas referências nesse disco especificamente?

As canções do *Cortes Curtos* são basicamente sambas. As letras são inspiradas no Paulo Vanzolini e no Lou Reed do *Transformer*, essa crônica urbana. A sonoridade rock foi uma visita a um monte de coisas que eu sempre curti: Talking Heads, Minutemen, Stooges, Devo, Sonic Youth, Blondie, Pixies, Napalm Death, Black Sabbath, Joy Division.

PUBLICIDADE

Penso muito sobre o que é rock hoje em dia. No geral, eu não gosto de nada de novo. Quando viajo pra Europa com o Metá, vemos bandas europeias de rock muito fracas. Som ingênuo e repetição de algo que já foi feito. Aqui no Brasil, se você for numa sambada no interior de Pernambuco e ver de perto um maracatu de baque solto, você pode descobrir que é tão hardcore quanto o Extreme Noise Terror, porém, muito mais rico e complexo. Não adianta achar que você é um doidão porque toca um rockinho engessado, ingênuo e inofensivo. Se o rock não for um insulto, então não é rock.



Foto: Felipe Gabriel/Red Bull Content Pool

Quem fez a capa do disco?

Eu. É um PM me dando um enquadro. Isso aconteceu em um show em São Paulo que fiz em apoio ao Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa. Quando cheguei pra fazer o show na escadaria do Teatro Municipal, o pessoal do movimento não tinha chegado e a polícia me pegou. Perguntaram se eu trabalhava, se era do movimento, essas bostas. Daí, enquanto o policial revistava meus pedais de efeito e guitarra, o Vitor, um colega que estava no público, tirou umas fotos no celular e me mandou. Foi constrangedor porque um monte de gente que foi ver meu show acabou assistindo o meu enquadro, uma

voz — um monte de músicas do *Cortes Curtos*.

A capa teve um processo bem interessante de impressão. Fiz uma tiragem limitada em [risograph](#), em Recife, com a Priscila Gonzaga.

PUBLICIDADE



Qual é a história por trás de "A morena do Facebook"?

Fiz pra mostrar um pouco o quanto a gente é ridículo nas redes sociais. As pessoas estão fechadas em bolhas, isso tá cada vez mais visível. Tudo o que o ser humano tem de mais estúpido reflete nas redes sociais com a mesma intensidade. Um dia o Face vai acabar e essa música vai ser que nem [um samba do Adoniran que fala do cigarro Yolanda](#). Fica o registro de um tempo.

"Chorei", do Beto Villares, traz sua parça Juçara Marçal nos vocais. Por que decidiu gravar essa?

Fui participar do disco do Marcelo Pretto, que o Beto Villares estava produzindo. No fim da gravação ele pegou o violão e tocou "Chorei". Fiquei de cara. Tinha tudo a ver com o *Cortes Curtos*. Era um samba estranho, falava do nascimento de uma criança, que é o momento mais feliz que uma pessoa pode ter, mas de um jeito totalmente novo, visceral, parecia o próprio parto, cheio de dor e de gritos, milagre e sangue, uma intensidade quase apocalíptica e animal. Pedi a música pro Beto e ele me enviou só um ano e meio depois. Ele é um cara que eu admiro demais.

A do suicídio no Banespa tonifica a tua verve bem paulistana enquanto compositor.

funcionária me informou que a visitação já estava encerrada. Pensei que se eu quisesse me matar, eu teria que esperar o horário comercial do dia seguinte. E se eu não estivesse mais triste ou deprimido? E se a burocracia cancelasse até um suicídio? Comecei a pensar essas besteiras e fui esquecendo de ficar triste. Quando dei por mim, já estava compondo, andando no meio das pessoas.

PUBLICIDADE

O disco começa tenso, caótico e depois entra numa pegada de ironia e humor. Como você define o *Cortes Curtos*? O que ele significou pra você?

Acho o humor uma afronta. Não é a toa que Hitler perseguiu os humoristas e palhaços. No meu caso, uso um humor mais sombrio e cínico. É uma coisa que desenvolvi como defesa contra a timidez. Gosto de muitos artistas que usaram esse lado mais irreverente: Tom Zé, Jards Macalé, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé...

Vai ter show de lançamento?

Vai sim: dia 9 de março na choperia do SESC Pompeia em São Paulo, e dias 15 e 16 de março na Audio Rebel, no Rio de Janeiro. Terá CDs à venda.

O *Metá Metá* demorou maior tempão pra chegar nos serviços de streamings. Você vai torturar seus fãs também?

Quero botar em todos os lugares possíveis, mas, por enquanto, quem quiser ouvir vai ter que entrar no meu site e baixar de graça. Ao mesmo tempo a pessoa poderá baixar meus outros 17 discos, ver um monte de desenhos meus e assistir aos meus filmes. O streaming é prático pra caramba pro assinante/

Quais são os planos agora? Vai ter turnê de divulgação? Como será?

Vamos fazer tour sim, será o *Quartos Singles Tour*. É fácil e barato nos contratar, somos só três. Agora que estamos na casa dos 40 anos queremos dormir sem o ronco do coleguinha e ter o mínimo de privacidade. Contrate essa banda incrível por um preço viável, mas garanta os quartos singles.

PUBLICIDADE

Para baixar todos os trampos artísticos do Kiko Dinucci, [**vá até o site dele.**](#)



Compartilhe

Tuíte

TAGGED: [SAO PAULO](#), [PASSO TORTO](#), [METÁ METÁ](#), [RED BULL STUDIOS](#), [JUÇARA MARÇAL](#), [KIKO DINUCCI](#), [NOVOS SONS](#), [MARCELO CABRAL](#), [BETO VILLARES](#)

Vídeo relacionado

PUBLICIDADE

ENTREVISTAS

Rimas & Melodias e a voz coletiva das mulheres negras

O supergrupo de rap/r&b formado por sete artistas mulheres lançou seu EP de estreia, que conta com participação da pesquisadora e ativista feminista negra Djamila Ribeiro.

Por **Beatriz Moura**; fotos por **Pétala Lopes** | set 15 2017, 2:15pm

Foto: Pétala Lopes/VICE

Compartilhe

Tuíte

Em 2014, a Beyoncé usou uma parte do discurso "We Should All Be Feminists" ("Todos deveríamos ser feministas", em português), extraído do [TED Talks](#) da escritora e ativista feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, como sample em "Flawless", faixa do seu penúltimo disco, o [BEYONCÉ](#). Com o trecho de Chimamanda explicando o conceito do termo "feminista", a música se tornou um "hino pop" e ainda influencia boa parte do movimento feminista [pós-2015](#).

PUBLICIDADE

Um reflexo direto dessa influência aqui no Brasil foi o que o Rimas & Melodias — projeto que começou como um [cypher de sete minas](#) já conhecidas do neo-soul e do hip-hop paulistano em 2015 mas logo se transformou num supergrupo musical — fez em "Manifesto/Pule, Garota", faixa que fecha o seu EP de estreia, lançado nesta sexta-feira (15): o grupo convidou a filósofa e pesquisadora feminista negra [Djamila Ribeiro](#) para recitar alguns versos no final da música. "Com certeza, 'Flawless' foi uma referência, mas nós resolvemos fazer diferente" explica a rapper e cantora Tássia Reis, uma das sete integrantes do R&M. "Na música da Beyoncé, era sample. Já na nossa, a gente

Leia a matéria completa [aqui](#).



Compartilhe

Tuíte

TAGGED: [HIP-HOP](#), [RAP](#), [TÁSSIA REIS](#), [KAROL DE SOUZA](#), [DRIK BARBOSA](#), [MINAS](#), [ALT NISS](#), [RIMAS & MELODIAS](#), [MAYRA MALDIJAN](#), [TATIANA BISPO](#), [STEFANIE](#), [DERYCK CABRERA](#)

Vídeo relacionado



PUBLICIDADE



ENTREVISTAS FOTOS



A Novidade Vai Além

Michel P. Soares



Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Electronic version

URL: <http://pontourbe.revues.org/614>

DOI: 10.4000/pontourbe.614

ISSN: 1981-3341

Electronic reference

Michel P. Soares, « A Novidade Vai Além », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 Julho 2013, consultado o 04 Outubro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/614> ; DOI : 10.4000/pontourbe.614

This text was automatically generated on 4 octobre 2016.

A Novidade Vai Além

Michel P. Soares

“Quando texto, música e características performativas se aglutinam, alguém será levado às lágrimas”. Steven Feld

- 1 Várzea do Carmo. Sábado a noite fica assim. Melhor iluminada do que imaginava, caminho tranquilamente pela rua semideserta, acompanhado por alguns transeuntes que seguem para o mesmo destino. Aos poucos surge a memória dos tempos de moleque, quando circulava completamente perplexo por aquele fascinante amontoado de lojas e mercadorias a preços nunca encontrados no centro de Guarulhos. Descendo a Ladeira Porto Geral, chego à Rua 25 de Março, proclamado o maior shopping a céu aberto da América Latina¹. Mas à noite é diferente. A diversidade formada por sírio-libaneses, coreanos, chineses e sacoleiras cede lugar a algumas centenas de jovens que circulam pela rua em virtude da 9ª edição da Virada Cultural de São Paulo. Pela primeira vez é montado um palco numa das ruas mais visitadas da cidade, principalmente em decorrência da concentração, proposital por parte dos organizadores, das atividades no centro da cidade. Com alguma frequência caminho por estas ruas, principalmente quando me destino à zona cerealista, do outro lado do Rio Tamanduateí. “O espaço possui seus próprios valores”, conforme nos lembra Magnani (2012, p. 283). Habitado, não me assombro com o imenso fluxo de pessoas, em sua grande maioria comerciantes, lojistas e compradores varejistas. Daniel Miller (2002) observou que para algumas pessoas o ato do consumo é semelhante a um ritual sacrificial. A Rua 25 de Março é isso, um mundo ritual isolado das intenções das metrópoles modernas. Porém, sempre observei que também há espaço para o ócio e o lazer, transformando a região numa imensa feira, “local de comércio, trabalho e sociabilidade” (Sato, 2007, p. 97).
- 2 Porém sábado à noite fica assim. Mas a novidade não estava em caminhar pela Rua 25 de Março vazia. A novidade aconteceria no meu ponto de destino, por isso caminhava com certa pressa para chegar pouco antes das 22hrs, horário marcado para o início do show do grupo Metá-Metá². Também pela primeira vez, o grupo idealizado pelo compositor e guitarrista Kiko Dinucci apresentaria-se num palco da Virada Cultural. Local mais

apropriado não haveria. Dupla novidade. Ao aproximar-me do palco percebo que o show anterior não havia terminado, o que me dá algum alívio e tempo para tomar uma cerveja, vendida por um camelô que, à maneira como faz durante o dia, também de noite esquiva-se da polícia para oferecer um serviço altamente demandado. Apesar da proximidade com outros pontos da Virada Cultural, o palco da Rua 25 de Março parecia um evento à parte, longe do agito e da multidão comum à maioria dos outros palcos, conforme verificaria mais tarde numa caminhada até a Praça da República.

- 3 A novidade é alem. Kiko Dinucci, assim como eu, nasceu em Guarulhos e desde cedo precisou habituar-se aos longos percursos percorridos pelos moradores de cidades metropolitanas que exercem algum tipo de atividade nas áreas comerciais de São Paulo. **Da banda de *hardcore* à retomada do samba paulista, o compositor tornou-se um cronista do trajeto da periferia ao centro.** Sua música trás o conflito necessário para que possamos refletir sobre a cidade e suas relações de poder, tornando-o um dos principais representantes contemporâneos da linha hegemônica da canção brasileira.
- 4 O show iniciou-se por volta das 22hr40min. O atraso e a expectativa da plateia deixou o ambiente carregado de tensão, que logo foi dissolvida, ou revigorada, assim que a cantora Juçara Marçal soltou os primeiros sopros ao microfone. Não é apenas o fato de possuir dois *ce cedilhas* no nome que a torna especial. Juçara é força, suavidade, técnica e performance na medida certa. Alguma comparação com Elis Regina poderia soar como absurda, porem não vejo qualquer outra metáfora possível. Mas ela também é além. **Carrega um certo *ethos* anti-artista,** tornando-a extremamente carismática. Herança talvez de uma de suas maiores influências, o compositor Itamar Assumpção. Kiko Dinucci provoca através do discurso e de suas composições; Juçara provoca através do riso.
- 5 O show foi relativamente curto, devido ao atraso, levando pouco menos de uma hora. Tempo necessário para causar imenso impacto no público, que atônito, buscava entender a performance e a música feita pelo quinteto. Um expectador ao meu lado comentou com sua companheira: **“Isso é *candomblé* ou *heavy metal*?”**. Um pouco dos dois, o grupo reinventa a música popular brasileira e causa estranhamento. Qureshi (1987, p.80) argumentou que a música é capaz de carregar significados que podem ser combinados ou separados de muitas maneiras para transmitir uma extensão de intensidades. Escolhi a provocação de Kiko Dinucci, a pulsação de Juçara Marçal, a concentração de Cabral, o vigor de Sérgio Machado e a expansividade do saxofonista Thiago França. Terminado o show, subi a Ladeira Porto Geral pensativo. Nada mais me impressiona nessa Virada.

BIBLIOGRAPHY

MAGNANI, José Guilherme. Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MILLER, Daniel. Teoria da Compras: O que orienta as escolhas dos consumidores. São Paulo: Editora Nobel, 2002.

QURESHI, Regula Burckhardt. Music Sound and Contextual Input: a performance model for musical analysis. *Ethnomusicology*; 31, 1987, p. 56-87.

SATO, Leny. Processos Cotidianos de Organização do Trabalho na Feira Livre. *Psicologia & Sociedade*; 19, 2007, Edição Especial 1: 95-102.

NOTES

1. Cerca de 400 mil pessoas circulam diariamente pela região, além de 60 mil pessoas diretamente empregadas. Em 2009 a região faturou 17,6 bilhões de reais. Fonte: <http://economia.estadao.com.br/especiais/a-torre-de-babel-do-consumo>. De noite, os prédios mal conservados, aliados a uma arquitetura despadronizada, esbanjam quase nenhuma riqueza.
 2. Além de Kiko Dinucci na guitarra, o grupo é formado pela cantora Juçara Marçal, o saxofonista Thiago França, o baixista Marcelo Cabral e o baterista Sérgio Machado. Lançaram o primeiro disco em 2011 e o segundo em 2013.
-

AUTHOR

MICHEL P. SOARES

Graduando em Ciências Sociais pela FFLCH / USP, membro do NAU-Cidades, desenvolve atualmente pesquisa sobre o consumo em Feiras de Vinil na cidade de São Paulo.